

OS NÓS TAPIRAPÉ E A REDE DA ATĂTXOÔ

IRMAZINHA ELIZABETH
ALDEIA TAPIRAPÉ - MT

Na luta pela causa indígena, os Tapirapé são conhecidos por haverem demarcado, no peito e na marra", suas próprias terras, com a ajuda de D. Tomás Balduino, presidente do CIMI. D. Tomás sobrevoou a área com um Tapirapé dentro do avião; em baixo, outros Tapirapé iam, como pequenas formigas, colocando os marcos, num trabalho incansável e consciente.

Os Tapirapé, da família Tupi-Guarani e do tronco linguístico Tupi, vivem hoje na Zona do Rio Araguaia, próximo da Ilha do Bananal, mas já ocuparam extensas áreas da região do Brasil Central, juntamente com os Karajá, Javahé e avá (canoeiros). Considerados em 1900 como isolados por Darcy Ribeiro, eles foram vítimas de violenta epidemia de varíola, quando dos primeiros contatos com a sociedade nacional.

Segundo Charles Wagley, que publicou em 1942 um ensaio sobre os Tapirapé, esta tribo, que vivia em regiões da mata e tinha sua subsistência baseada na lavoura da mandioca e de milho, foi praticamente exterminada no curso deste século por doenças levadas pelos brancos. Os Tapirapé, anteriormente calculado em mais de 1.000 pessoas, foram reduzidos em 1935 a apenas 147 vivendo numa só aldeia. Em 1947 este número diminuiu para 100 indivíduos. Apesar dos criadores de gado que avançam por toda a região, cada vez com maior voracidade, a população hoje volta a crescer, graças em grande parte à orientação da missão ali instalada.

Neste ano, se comemora as bodas-de-prata da presença da Missão, que durante os últimos 25 anos vem atuando junto aos Tapirapé. Um casal de professores com o filho e as Irmãzinhas de Jesus que mantêm uma escola bilingue na comunidade, com duas mulheres índias como monitores para as crianças que começam a aprender a ler.

Por considerar bastante rica a experiência das Irmãzinhas de Jesus, que longe de tentarem "civilizar" os índios, mergulham profundamente em sua cultura, respeitando os seus valores e aprendendo "a ser um pouquinho mais Tapirapé", o Porantim está publicando neste número um artigo da Irmãzinha Elisabeth, com algumas modificações no título e entre-títulos. Gostaríamos de sempre poder publicar colaborações como esta, de missionários que "aprendem a dar os nós Tapirapé" e com os nós que se vão tecendo, vão estendendo o fio do Evangelho.

Quando o barco encosta num porto da aldeia Tapirapé, a gente sente que chega numa grande família, família grande que é essa aldeia pequena, cercada por grandes companhias e grandes empresas, família lutando para conservar um pedaço de terra nessa mata que foi deles, que é deles, por direito.

A primeira impressão que a gente tem, chegando à aldeia, é de vida. Vida na natureza exuberante, vida nas pessoas, nas crianças sadias, risonhas, bonitinhas que só vendo, correndo alegres entre as casas. E a alegria dos Tapirapé contagia a gente, fazendo nascer uma esperança enorme no coração! Talvez esse dinamismo venha do fato que a população da aldeia e na maioria jovem, mocidade forte, saudável, que gosta de rir e de brincar.

Nessa aldeia pequena, ameaçada pelos que vêm de fora para tomar-lhe palmas de terra, é a vida que se afirma, se propaga, e vai convencendo a gente que a vitória será sua. O Tapirapé acostumado a viver na mata - mata sempre verde, que nunca se rende e renasce em capoeira após cada queimada - sabem com certeza disso, desse poder de vida. E porque sabe, ele é confiante e alegre por natureza. Ele sabe também a força que tem quando, todos juntos, trabalham na mesma obra: mutirão, caçadas em comum, e a beleza das danças nas festas.

Na verdade os Tapirapé sabem muita coisa da vida numa sociedade verdadeiramente humana: dar com liberdade, trabalhar em comum, repartir com quem não tem, nunca negar um favor, não se prender ao acessório, não gritar e sempre respeitar o jeito de ser do outro, tantas outras coisas em que os Tapirapé, sem pretensões, podem ensinar a gente a viver muitas páginas do Evangelho.

OS NÓS E A REDE

Na aldeia a "Missão católica" consta de duas famílias, que parecem se inserir naturalmente entre as outras: o casa de professores com o filho, e as Irmãzinhas de Jesus, três, quatro, às vezes só duas. São os "tori" (não índios) da aldeia, assumidas pelos Tapirapé que com tanta paciência as iniciam a vida da Tribo, à sabedoria dos antigos e aos segredos do rio e da mata.

Estou me lembrando da Atătxoô fazendo uma rede: entre dois paus fincados no chão - o tear - enrola o algodão e depois vai passando um fio, dando nozinhos simétricos. Trabalho aparentemente fácil que ela realiza com uma ligeireza incrível. Disse-lhe: "queria aprender..." Colocou-me pertinho dela, mostrou várias vezes o ponto a ser dado. "Tchan (olha) assim... assim..." e continua o trabalho com aquele riso bom e amigo, vigiando-me benevolentemente e interrompendo-se com uma paciência enorme, cada vez que eu me engano, desfazendo e recomeçando, tantas vezes quanto for preciso, mostrando-me sempre: "Tapirapé faz assim... toda vida..."

"Tapirapé faz assim... toda vida..." não é um examinador que julga meu trabalho. É uma amiga que me desvenda um segredo, transmite uma experiência, me inicia a alguma coisa da vida de seu povo. Tapirapé faz assim. E se você quer conhecer alguma coisa da alma Tapirapé, tem que começar assim, aprendendo a fazer como se faz.

CULTURA E EVANGELHO

Não sei porque, mas enquanto estava ali, agachada aos pés de Atătxoô, tentando imitar desajeitadamente o compasso ligeiro de suas mãos, veio-me o pensamento como uma resposta, trechos do último documento do Papa Paulo VI sobre a Evangelização. "O que é evangelizar?" Ainda que eu nunca aprenda a fazer redes, pareceu-me que esse documento justificava plenamente aquele tempo ali, passado ajudando, ou melhor, atrapalhando a Atătxoô!

"Nenhuma definição, parcial ou fragmentária, porém, chegará a dar a razão da realidade rica, complexa e dinâmica que é a evangelização", importa evangelizar... de maneira vital, em profundidade e isto é as suas raízes, a cultura e as culturas do homem.

O Evangelho, e conseqüentemente a evangelização, não se identificam por certo com a cultura e são independentes em relação a todas as culturas... são susceptíveis de se impregnar todas sem se escravizar a nenhuma delas... A ruptura entre o Evangelho e a cultura é com certeza um drama da nossa época." (EN 20 e 21)

"E no entanto o Reino, que o Evangelho anuncia é vivido por homens profundamente ligados a uma determinada cultura e a edificação do Reino não pode deixar de servir-se de elementos das culturas humanas..." "Tapirapé faz assim... toda a vida..." Na verdade não é tão simples fazer assim, toda a vida, isto é, no caso presente, amarrar uma série harmoniosa e segura aqueles nozinhos, na aparência tão simples mas que, dispostos com arte e sabedoria das mulheres Tapirapé, são capazes de sustentar o peso de um homem, anos seguidos. Por mais que me esforce, minhas carreiras ficam curtas, assimétricas, e Atătxoô faz com que eu as desmanche e recomece sem cessar. A cultura de um povo não será essa sucessão de nozinhos: conceitos, costumes, crenças, critérios de discernimento e julgamento, eu nem sei todos os conhecimentos que recebemos de nosso povo, e que bem presos e ligados entre si, são como a rede que nos sustenta na vida?

LÍNGUA E ESCOLA

Trabalhamos em silêncio: Atătxoô sabe pouco português, eu nada sei de Tapirapé. A minha ignorância me doi profundamente. Atătxoô fala pouco: seu povo não é barulhento; mesmo numa discussão, Tapirapé não alveja a voz. Uma das qualidades requeridas para Chefe, é justamente que ele

seja manso e não tenha inimizade com ninguém. Mas, ao contrário, bem que gostaria de interrogá-la de poder conversar, de ouvi-la falar sobre nós da rede e as histórias de seu povo. Aqui na Aldeia, embora a vida nos una cada dia, o problema da língua põe a nu as diferenças de raça e cultura. Nenhum "tori" fala corretamente o Tapirapé, exceto Wapurá, filho do casal de professores que tem 4 anos e aprendeu a língua com seus coleguinhas. A presença dele nessa aldeia Tapirapé, pode muito bem ser um sinal para os adultos.

Em 25 anos de convivência, esforços tem sido feitos no aprendizado da língua: uma das Irmãzinhas dedica todo o tempo disponível ao estudo, a escola é bilingue e ultimamente duas mulheres índias são monitoras em Tapirapé para as crianças que começam a ler; sem contar a preocupação que se tem em gravar as danças, cerimônias e ajudá-las a relembrar as histórias e lendas de seu povo, para que elas não se percam na memória Tapirapé, afrontada com tanta coisa nova que chega de outra civilização vizinha.

Mas parece que aqui o Espírito Santo não soprou forte o dom das línguas: logo ao chegar sente-se que não se tem meios de penetração no universo deles. Só Wapurá, o menor de todos, sem estudo nem gramática se comunica totalmente e fala corretamente essa língua difícil que é o Tapirapé. A criança aprende mais ligeiro que o adulto, ela que ainda não tem conceito próprios e é cheia de receptividade e de abertura aos outros. Wapurá não deixa ninguém se esquecer que foi assim, no desejo de se tornar criança, que há 25 anos atrás, começou a aventura de "missão na aldeia Tapirapé".

LÍÇÕES DE BEM-VIVER

"Há nessas primeiras inserções, uma lição profunda para cada uma de nós: cada fraternidade que começa é como uma minúscula semente que Deus confia a uma comunidade humana, seja esta cristã ou não, tenha fé ou não tenha. Essa semente, dependerá da acolhida da comunidade para que possa crescer e frutificar, mas é preciso além disso que nós mesmas sejamos suficientemente pobres para sentirmos necessidade dessa acolhida e suficientemente pequenas para que, quem nos recebe, nos possa ensinar" (de irmã Anita, responsável

geral). Não foi esse caminho também que o Verbo tomou para contar-nos segredos do Pai? Aquele que nos últimos dias de vida pode nos chamar de "amigos", porque tinha dito tudo quanto aprendera com o Pai" (Jo) entrou no mundo fazendo-se "semelhante aos homens e aprendendo a obedecer até à morte de cruz" (FIL 2, 7).

E os Tapirapé acolheram aquela nova presença da Igreja entre eles como Txakuiapana e Pătxuwă, o único casal sem filhos da aldeia acolherá, como filha, uma criança sertaneja cujo pai foi embora. Os Tapirapé acolheram no seu seio, a presença de uma Igreja menos do que eles, desejando entrar na sua vida, compreender a cultura, aprender a caçar, pescar, plantar, dar os nós Tapirapé. É que o Tapirapé tem o "coração bom", a alma grande, sabe repartir o que tem, trocar o que não tem. E assim ele vai ensinando aos "tori" cristãos que vivem com ele, deixando entrever algumas coisas de sua alma, de seus costumes, ensinando a viver na mata e nas margens do Araguaia, e talvez quem sabe? assimilando com eles a seiva cristã de sua vida, que nós, os "tori" não conseguiremos nunca desvencilhar totalmente de nossa cultura de outro povo de outra raça.

TAPIRAPÉ FAZ ASSIM

"... Tapirapé faz assim..." Meus sonhos me levaram longe e enquanto isso a mão ziguezagueava cada vez mais. Atătxoô me olhava rindo: aquele riso tão bom, tão amigo!

Ah! Atătxoô, bom que você perdoa fácil minha falta de jeito. E valeu para mim essa manhã em que perdi tempo - e lhe perder tempo - fazendo e desfazendo os nós sem cessar. Na aldeia o tempo não conta, é a vida, que impõe seu ritmo, e a gente procura entrar nele, nesses 25 anos em que tantas Irmãzinhas se tem sucedido e em que nos cristãos da aldeia, temos um mesmo desejo aprender com vocês a ser um pouquinho mais Tapirapé.

E enquanto ela desfazia os nós, brotou no meu coração uma alegria enorme, uma imensa Esperança: Tapirapé faz assim... toda a vida... Esperança que, um dia uma Tapirapé (será outra Atătxoô?) ensinando o filhinho a fazer o sinal da Cruz, lhe repita com essa mesma voz mansa e baixa, cheia de carinho: Tapirapé faz assim..."

